

Essas novinhas têm OnlyFans. E deveriam? A popularidade do site como risco para a promoção de violência sexual infantil¹

Lorraine MARIANO Monteiro²
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Com crescimento expressivo nos últimos três anos, o OnlyFans se tornou um site popular conhecido sobretudo pela venda de conteúdo sexual adulto. Porém, reportagens denunciam falhas no controle da plataforma para criação de contas de menores de idade, assim como exibição de imagens sexuais infantis no contexto internacional. O objetivo deste artigo é dar luz à essas denúncias, correlacionando com o cenário brasileiro e fazendo um recorte das relações de gênero e violência sexual infantil.

PALAVRAS-CHAVE: OnlyFans; Novinhas; Gênero; Conteúdo sexual; Violência sexual infantil;

INTRODUÇÃO

Fundado pelo empresário Tim Stokely em 2016, o OnlyFans³ é um site que conecta criadores de conteúdo e fãs, possibilitando trocas monetárias através do que é compartilhado e consumido por criadores e usuários. Embora se posicionem como um site inclusivo, com criadores de conteúdo dos mais diversos segmentos, é através da venda de conteúdo adulto que o site tem ganhado fama, seja na indústria musical ou até mesmo em fóruns sobre tecnologia e negócios. Dentre as palestras mais aguardadas no Web Summit Rio 2023⁴, um dos maiores eventos de tecnologia e inovação da atualidade, estava a da CEO do OnlyFans, Amrapali Ga⁵.

¹ Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mídias Criativas da ECO-UFRJ. E-mail: lorraine.mmariano@gmail.com

³ Disponível em: <https://onlyfans.com/about>. Acesso em: 15 jun, 2023.

⁴ Disponível em: <https://rio.websummit.com/>. Acesso em: 15 jun, 2023

⁵ Disponível em: <https://www.b9.com.br/161988/web-summit-2023-rio-ia-aplicada-na-pratica-do-marketing-preocupacao-com-um-futuro-desigual-e-onlyfans/>. Acesso em: 15 junho, 2023.

Porém, reportagens denunciam que a plataforma têm falhado no controle de conteúdo ilegal, permitindo a divulgação de imagens sexuais envolvendo crianças e adolescentes, assim como criação de contas por menores de idade. O que acendeu um alerta para denúncias no país. Ao realizar buscas rápidas, não foram identificadas até o desenvolvimento desse trabalho denúncias relativas ao Brasil. Porém, as características do cenário brasileiro despertam preocupação, motivando a ideia deste artigo.

Baseando-se no conceito de pedofilização, procura-se discutir se a plataforma já não seria um meio para promoção de violência sexual infantil. Cunhado por Jane Felipe, o conceito de pedofilização propõe ampliar as discussões sobre pedofilia, abordando também dimensões sociais e culturais características da nossa sociedade – não necessariamente patológicas–, que ao mesmo tempo que se repudia e combate à violência sexual contra crianças e adolescentes, promove a sexualização desses mesmos corpos (SERPA; FELIPE, 2023).

Conforme amplamente divulgado em veículos de mídia, a plataforma vem movimentando valores bilionários. Embora não se tenha conhecimento do quanto é referente a conteúdo sexual, sabe-se do potencial do ambiente digital para consumo de pornografia, o que pode explicar o seu sucesso. De acordo com a pesquisa anual de 2022 realizada pelo site Pornhub⁶, 97% do consumo de conteúdo pornográfico foi realizado em dispositivos móveis, sendo os smartphones 84%. Outra pesquisa realizada em 2018 pela SexyHot⁷, revelou que 22 milhões de brasileiros consomem pornografia, o que representaria 10% da população atual⁸.

Considerada por alguns autores como uma forma de manutenção da supremacia masculina, a pornografia pode ser encarada como um meio para perpetuação de violências sexuais contra mulheres e objetificação das mesmas, assim como um desvio para retomada do controle dos próprios corpos, se apropriando da sua própria nudez como forma combativa de ir contra a esse sistema dominante masculino (SILVA, 2018). Nessa perspectiva, propõe através dos relatos de criadoras de conteúdo de plataformas de conteúdo adulto, incluindo o OnlyFans, a construção de um diálogo sobre pornografia

⁶ Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2022-year-in-review#age-demographics>. Acesso em: 16 jun, 2023.

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em 16 jun, 2023.

⁸ Segundos dados divulgados pelo IBGE. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37237-de-2010-a-2022-populacao-brasileira-cresce-6-5-e-chega-a-203-1-milhoes>. Acesso em: 10 ago, 2023.

através de uma perspectiva de gênero. Ainda sobre a sexualização de jovens e adolescentes, aprofundamos o debate sobre a erotização das meninas e suas consequências, evidenciado pelo emprego do termo *novinha*, usado em letras de música, por exemplo.

METODOLOGIA

Neste estudo, adotamos uma abordagem metodológica que integra diversas fontes de informação. A principal fonte de motivação para o desenvolvimento deste trabalho foram reportagens publicadas em sites com denúncias internacionais sobre a permissão do uso da plataforma Onlyfans para menores de idade. Para o desenvolvimento de uma abordagem sobre questões de gênero e violência sexual infantil, fez-se uso de uma revisão de referências bibliográficas relevantes. Outras fontes digitais também foram usadas – como sites, portais, redes sociais – que, embora não sejam fontes de caráter científico, auxiliam na contextualização do cenário atual, com fornecimento de dados mais recentes, contribuindo para a construção do diálogo e debate que este artigo gostaria de fomentar.

ONLYFANS: O POTE DE OURO PARA VENDA DE CONTEÚDO ADULTO. MAS SÓ ADULTO?

Entre os anos de 2016 e 2022, a OnlyFans somou mais de US\$10 bilhões em remuneração de criadores de conteúdo, crescendo 115% para o ano anterior. Estima-se que hoje sejam mais de 2,1 milhões de criadores de conteúdos e mais 130 milhões de usuários no mundo, de acordo com dados divulgados na imprensa⁹. Embora não tenha divulgado de quanto desse montante total é referente ao Brasil, tanto de criadores de conteúdo, receita ou contas cadastradas sejam direcionadas para a venda de conteúdo adulto, alguns perfis brasileiros afirmam ter faturado mais de 1 milhão por mês com a venda de conteúdos sexuais, sejam fotos ou materiais mais explícitos.

Outro fato que se destaca é como o contexto da pandemia do Covid-19 impulsionou o crescimento da plataforma. Uma reportagem da BBC News Brasil¹⁰ realizada em julho de 2021, publicou que a receita do OnlyFans cresceu 553% entre

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/web-summit/noticia/2023/05/03/onlyfans-aposta-na-america-latina-para-crescer-51-bilhoes.ghtml>. Acesso em: 19 jun, 2023.

¹⁰ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57673831>. Acesso em 19 jun, 2023.

janeiro e novembro de 2020, com um aumento de sete vezes de gastos dos usuários com a plataforma nos primeiros meses de 2020, início da pandemia. Acredita-se que junção de fatores como, isolamento social, repressão de desejos e ausência de contato físico, atrelado a um cenário econômico instável, tenha aumentado as possibilidades de usar não só o corpo, mas também os desejos como mercadoria de forma mais escalável.

Para além do fascínio com as fortunas feitas e a popularidade do serviço, o OnlyFans também têm despertado alertas. Uma reportagem realizada no Reino Unido pelos correspondentes de investigações da BBC News¹¹, Noel Titheradge e Rianna Croxford, denuncia que a plataforma tem falhas no controle da exposição de menores de 18 anos em conteúdos adultos. Segundo a investigação da BBC, foi identificado que jovens menores de idade conseguiram criar contas para publicação de conteúdos adultos usando documentos de parentes. Uma menina de 15 anos teria conseguido criar uma conta com o passaporte da avó, enquanto uma de 17 anos teria usado uma carteira de motorista falsa. O controle da plataforma não teria funcionado para ambos os casos. Em outro relato, uma menina de 12 anos diz ter contactado criadores adultos para propor uma parceria para produção de conteúdos eróticos.

Embora a maioria das denúncias sejam de menores enviando seu próprio conteúdo, a investigação também encontrou relatos de jovens que alegam que imagens suas foram enviadas para o site sem o seu conhecimento e consentimento. O problema parece ser ainda maior. Em entrevista para a reportagem, o Chefe de Proteção Nacional da Polícia do Reino Unidos afirma já ter evidências que o site é utilizado para exploração sexual e tráfico de menores, relatando o caso de um casal acusado de tráfico de pessoas após supostamente vender a foto de uma menor de idade na plataforma.

Se de um lado, os Órgãos responsáveis acusam a plataforma de não estar fazendo esforços suficientes para proteger menores de idade, alertando para a gravidade das consequências disso, do outro, o OnlyFans diz que tem um sistema de identificação e verificação de idade excepcionalmente eficaz usando tecnologia de ponta aliado ao monitoramento humano. O site assegura, ainda, que os sistemas continuam em evolução para implementação de novas tecnologias a fim de assegurar o controle de idade.

Em busca ampla, não foram encontradas informações de investigações e/ou denúncias no cenário nacional. Todavia, não é possível afirmar se a ausência de dados se

¹¹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57284910>. Acesso em: 19 jun, 2023.

dá porque realmente a plataforma tem uma operação infalível no país ou se ainda não vieram à tona denúncias sobre as falhas. Contudo, embora não tenham sido encontradas denúncias similares no Brasil, o histórico brasileiro de violência sexual contra crianças e adolescentes preocupa.

INFÂNCIA E VIOLÊNCIA SEXUAL NO BRASIL

A violência é um fenômeno sociocultural causadora de problemas sociais, físicos e emocionais, podendo afetar a saúde do indivíduo ao longo da vida (SANCHES et al., 2019). É preciso entender o contexto brasileiro no que diz respeito à violência sexual contra crianças e adolescentes para dimensionar melhor os potenciais riscos. Apenas nos 4 primeiros meses deste ano, o Brasil registrou 17 mil denúncias de violações sexuais contra crianças e adolescentes através do Disque Direitos Humanos, segundo dados publicados no site Gov.Br¹². Ao todo, são mais de 397 mil denúncias classificadas como violação de direitos humanos contra a esse grupo, e nessas 17 mil se enquadram violência sexual, estupro e exploração sexual e psíquicas. Houve crescimento de 68% para o mesmo período do ano passado, o que pode ser relacionado com o aumento de denúncias e ou o aumento de casos. Os dados ainda mostram que 1,4 mil dessas violações ocorreram na internet, havendo registro de exploração sexual em todo o ambiente digital.

Segundo Felipe apud Sanches et al. (2019), é importante reforçar o uso da expressão violência sexual em vez de somente abuso sexual, pois, na medida que abuso supõe que é possível fazer uso de algo, sugere que o uso do corpo infantil é permitido. A violência sexual contra crianças e adolescentes pode ser definida como ato sexual de estimular sexualmente menores com o objetivo de satisfação sexual, sendo o autor da violência alguém com estágio de desenvolvimento psicosexual mais avançado (SANCHES et al., 2019). Ainda de acordo com os estudos feitos por Sanches et al. (2019), levantamentos realizados no Nordeste e Sul brasileiros revelaram que são as meninas são as principais vítimas de violência sexual infantil, representando mais de 70% das ocorrências. Podendo se apresentar na forma de assédio sexual, estupro, exploração sexual comercial, a pornografia também é uma forma de violência sexual (SANCHES et

¹² Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/disque-100-registra-mais-de-17-5-mil-violacoes-sexuais-contras-criancas-e-adolescentes-nos-quatro-primeiros-meses-de-2023>. Acesso em: 24 jun, 2023.

al., 2019). Ocupando 4º lugar no ranking mundial de pornografia infantil, o Brasil tem um número considerável de sites com material pornográfico infantil, que se estima movimentarem cerca de U\$ 5 bilhões pelo mundo de acordo com levantamento realizado em 2006 por Felipe apud Sanches et al. (2019).

A internet se tornou um meio para a promoção de violência sexual infantil, usada por molestadores e pedófilos (SANCHES et al., 2019). Uma reportagem da Agência Brasil divulgou dados fornecidos pela SaferNet¹³ apurados pela central de denúncias da instituição sobre violência sexual infantil no ambiente digital. Houve crescimento de 70% em 2023 na identificação de imagens de violência sexual infantil online, sendo a maior alta desde 2020, primeiro ano da pandemia de covid-19, que também foi marcado pelo aumento significativo de denúncias. Assim como as denúncias, o volume de links compartilhados com acesso a essas imagens vem crescendo desde 2019.

Juliana Cunha, diretora da SaferNet, chama a atenção para os conteúdos publicados, que não necessariamente contém nudez e sexo explícito, mas se caracterizam como material mais sexualizados. O problema consiste justamente na identificação desses conteúdos, que por não serem explícitos, acabam não sendo identificados por ferramentas de busca, circulando mais facilmente. Assim como esses conteúdos podem não ser identificados também pelas ferramentas do OnlyFans.

É importante ressaltar ainda que, crianças e adolescentes vítimas de violência sexual podem sofrer sequelas no seu desenvolvimento neuronal, causando graves consequência no desenvolvimento desses jovens, incluindo sequelas cognitivas, emocionais e comportamentais (SANCHES et al., 2019). Como sociedade, é nosso dever estarmos atentos aos potenciais riscos. Neste contexto, este trabalho objetiva incitar a discussão sobre o potencial risco de a plataforma estar sendo usada como um canal para a promoção de violência infantil, tendo em vista a conjunção de fatores abordadas até aqui, construindo uma imagem de cenário “perfeito” para esta finalidade.

PERFORMANDO OU CONTRARIANDO? AS CRIADORAS DE CONTEÚDO ADULTO

¹³ A SaferNet é uma instituição não-governamental com foco na promoção e defesa dos Direitos Humanos na Internet no Brasil atuante desde 2005.

Seriam os produtores de conteúdo sexuais profissionais do sexo? Uma reportagem, também da BBC¹⁴, entrevistou alguns criadores de conteúdos adultos com contas ativas no OnlyFans que afirmam não considerarem a prática como prostituição. Uma das entrevistadas ressalta que a prática é apenas uma forma de exibição, mas sem contato físico, o que não configuraria como um programa ou algo do gênero. É como se corpo físico (quem eles de fato são) desassociasse do “corpo digital” (o corpo que é “vendido” no site através das mídias), tornando este último um símbolo digital. Esse deslocamento do corpo físico permite que os criadores de conteúdo, assim como os usuários, sejam personas diferentes nesses dois ambientes, pois sem o corpo físico não haveria uma identidade fechada (LEMOS, 2002). Porém, ainda que se entenda a possibilidade dessa dicotomia entre o “corpo digital” e o “corpo físico”, é o “corpo físico” que responde às consequências de ser um criador de conteúdo adulto.

Embora amplamente promovido como um meio eficiente para ganhar dinheiro, a vivência na plataforma tem seus desafios. Uma criadora de conteúdo do OnlyFans desabafa que a relação com a família ficou abalada após descobrirem que ela vendia conteúdo adulto na plataforma. Outro ponto que comenta é o quanto é atacada pelos “fãs” por vender seus pacotes de fotos ou vídeos com conteúdo sexual, os mesmos “fãs” que compram seus packs (BARBOSA; CLAUDINO, 2021). Esses ataques podem ser classificados com uma prática misógina, característica de um país sexista como o Brasil, tratando corpos femininos como pedaços de corpos cujo único objetivo é satisfazer os desejos sexuais masculinos (ZANELLO, 2020). Ela pode ser inferiorizada por vender o conteúdo, pois ela está a serviço de satisfazer seus “fãs”, sobretudo homens.

Afinal, se vende “pack¹⁵” é uma puta sim, sentenciam usuários nas redes. Dessa forma, culpabilizam e punem essas mulheres como uma forma de domínio e controle da sua sexualidade, pois na medida que promovem a destruição moral da vítima, reforçam o poder que exercessem sob seus corpos (PAZ; SILVA, 2023). A violência dos ataques às criadoras de conteúdo sexual nada mais é que uma forma de manutenção de controle desses corpos, exibidos por escolha nas plataformas (VALENTE; NERIS, 2019). É como se tirassem dos homens a decisão de expor corpos femininos, já que essas mulheres o fazem por vontade própria, contrariando também ao que se espera de performance de

¹⁴Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57673831>. Acesso em: 19 jun, 2023.

¹⁵ “Significa pacote em tradução livre, comumente usado para se referir ao conjunto de mídias (fotos ou vídeos) que é vendido em plataformas como OnlyFans.

gênero como uma mulher “casta”, baseada na construção histórica que mulheres nasceram para estarem “a serviço” dos homens, mães e donas de casas, sem desejo sexual próprio que não através deles (ZANELLO apud PAZ; SILVA, p. 9, 2023).

O dever da castidade das mulheres e meninas, ainda que descolado das práticas em uma determinada comunidade ou cultura, apresenta-se como mais forte. Ainda sim, a própria realização pelas mulheres dos atos proibidos, documentada em imagem, é paradoxalmente o questionamento dessa normativa. (VALENTE; NERIS, p. 37, 2019).

Contudo, se o ato de comercializar seu próprio conteúdo sexual foge do script do que se espera da performance de gênero (ZANELLO, 2020) de mulher “correta”, a sexualização desses corpos nesses espaços também não estaria atendendo à performance esperada para atender aos desejos sexuais dos homens? Para alguns autores, a pornografia em si já seria considerada um ato de violência, símbolo da supremacia masculina que mata mulheres, física ou socialmente. Ainda que por vontade própria, em expor seus corpos, estariam submetidas ao olhar dominante masculino. (SILVA, 2018).

Silva (2018) traz como objeto de pesquisa de seu estudo um blog criado por mulheres negras periféricas para publicação de autorretratos nus ou seminus como uma forma de protesto, empoderamento e autoamor – de forma generalista. Ao longo do trabalho, Silva (2018) apresenta diferentes autores para fazer um contraponto entre a pornografia ser um meio para reforçar a violência e dominação masculina ou, uma vez que as essas mulheres estejam proativamente se apropriando da sua nudez através dos autorretratos, a pornografia seria uma ferramenta para confrontar essa violência e se livrar desse domínio, tomando para si o “controle” dos próprios corpos, tornando a produção de conteúdo pornográficos uma forma desafiar a lógica convencional masculina dominante.

(...) “essas mulheres não apenas ‘hackeiam’ o comércio eletrônico da indústria multibilionária da ciberpornografia, para ceifar os benefícios econômicos da nova ‘tecnologia do sexo’, como também obstruem a rede matriz de códigos culturais que fetichizam corpos negros na (ciber)sociedade” (MILLER-YOUNG apud SILVA, p. 51, 2018).

Contudo, não é possível afirmar que há um consenso se de uma forma ou de outra estão performando segundo uma performance de gênero esperada ou contrariando essa lógica. Na pesquisa de Silva (2018), até os próprios usuários do blog entram em conflito, não entendendo o objetivo político da proposta. No caso das criadoras de conteúdo do OnlyFans, o principal motivador é monetário, o que pode ser ainda uma “agravante” nesse julgamento. O que podemos tatear até aqui através dos relatos dessas mulheres é que, embora tenham retorno financeiro, também precisam lidar com as consequências dessa exposição.

Em relato mais recente via Twitter¹⁶, uma jovem faz uma longa explanação sobre a sua experiência com a venda de conteúdos sexuais em plataformas de conteúdo, contando como começou a trabalhar dessa forma, conseguindo se reestabelecer financeiramente, mas que isso afetou negativamente sua vida, alertando sobretudo para as sequelas emocionais e psicológicas que ficaram devido aos ataques e julgamentos recebidos. Ela não é exceção. Outra criadora de conteúdo também fala sobre as sequelas em seu estado psicológico devido à submissão na realização de fantasias a pedido de alguns homens. Um deles tinha como pedido que a mulher se fantasiasse de criança, despertando nela gatilhos de uma experiência de abuso na infância (BARBOSA; CLAUDINO, 2021).

O último relato chama a atenção pelo desejo de infantilização dessa mulher. Em trabalho recente, as autoras Monise Gomes Serpa e Jane Felipe (2023) falam sobre o fascínio masculino por corpos infanto-juvenis. Através do conceito de pedofilização, cunhado em diversos trabalhos anteriores de Jane Felipe, trazemos para este trabalho a discussão sobre o corpo jovem feminino como foco de investimento erótico (SERPA; FELIPE, 2023).

NOVINHAS: A EROTIZAÇÃO DE MENINAS E ADOLESCENTES

Diferente do conceito de pedofilia – entendida como uma doença patológica –, a pedofilização procura discutir as contradições sociais em torno da erotização dos corpos

¹⁶ Disponível em:

<https://twitter.com/antirichclub/status/1690374002496126976?t=yymmmonIkFcvYvDX8xV0lg&s=08>. Acesso em 13 ago, 2023

infantis, na medida que, ao mesmo tempo em que se combate a violência sexual infantil, promovem através da indústria de mídia e entretenimento a sexualização desses mesmos corpos (SERPA; FELIPE, 2023).

A música brasileira tem sido uma grande expressão de erotização infantil através das danças e das letras, nomeando corpos femininos juvenis de “novinhas” (SERPA; FELIPE, 2023). Embora inseridas geralmente em momentos de diversão, as músicas têm grande impacto na cultura, podendo refletir características de uma sociedade. Segundo, Pereira (2013) apud Silva e Maio (2018), as músicas podem reforçar práticas sociais, representando uma forma de compreensão de um grupo social, suas ideias. Sendo as músicas que fazem sucesso as que mais se aproximam do gosto popular, e as que menos fazem sucesso, menos aceitas por este grupo.

A música novinha do OnlyFans tem mais 82 milhões de visualizações no Youtube¹⁷ em 8 meses. Um indicativo para o sucesso no Youtube é a quantidade de visualizações que um vídeo tem, quanto mais milhões de visualizações, mais afamado um vídeo é. Poderíamos dizer que ela caiu no gosto popular. A “novinha” na música é a protagonista do enredo, em que o artista canta que o OnlyFans é o meio pelo qual ela “venceu na vida”, atrelando o “vencer” à bens materiais caros:

Ela andava de busão
Do nada venceu na vida
E o povo comenta
Trabalha com o quê essa **novinha**?

Agora tem carro de luxo
E o celular da maçã
Ai meu Deus
Essa **novinha** tem OnlyFans (KADU MARTINS, 2022, s/p)

De acordo com as ideias apresentadas por Silva e Maio (2018), o uso do termo é comumente reproduzido e aceito por grande parcela da população, o que tende a contribuir para a interpretação que se relacionar sexualmente com meninas e adolescentes

¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vdbhKBGbsVM>. Acesso em 26 jun, 2023.

é algo “natural”. Essa hipótese também é levantada nas pesquisas de Jane Felipe (2006) apud Silva e Maio (2018), mostrando que em corpos infantis têm sido usados para exploração do prazer sexual adulto em várias partes do mundo.

Felipe (2023) aponta que “com o desenvolvimento do ciberespaço, a pedofilia e a pedofilização ganharam um território fértil para seu exercício e divulgação, especialmente a partir do desenvolvimento de novas tecnologias” (SERPA; FELIPE, p.121, 2023), sobretudo com a possibilidade de alterar ou criar imagens, incluindo projeções tridimensionais. O que vai de encontro às ideias de Lemos (2002), que já apontava no início dos anos 2000 que o erotismo foi um dos principais veículos a se apropriar das possibilidades das novas tecnologias para aumentar seu alcance nessa nova sociedade conectada¹⁸. O OnlyFans e plataformas semelhantes não só fazem parte desse contexto, mas também contribuem em certa medida para manutenção da pedofilização – vide relatos já abordados em que homens pedem que mulheres se fantasiem de crianças – e potencialmente também para a prática da pedofilia, como vimos nas denúncias internacionais.

Não há nenhum estranhamento sobre uma “novinha” estar no OnlyFans, naturalizado a presença de jovens meninas e adolescentes na plataforma, expondo mais uma vez essa cultura de pedofilização em sexualizar desse grupo. Outro ponto também que chama atenção na música é o “enriquecimento” repentino, “do nada venceu na vida”, reflexo também de como os meios midiáticos vem trabalhando a plataforma. Contudo, Serpa e Felipe (2006) trazem para a discussão o fator da desigualdade social combinado à erotização de meninas e adolescentes

As autoras abordam que a exploração do corpo infanto-juvenil como objeto sexual é impulsionado não só pela idade, mas também pela classe social (SERPA; FELIPE, 2023). Em um dos casos documentais relatados no trabalho, um dos clientes teria dito que se sentia orgulhoso do seu poder aquisitivo perante as crianças e as adolescentes.

Nos depoimentos expressos, parece que o ato de pedir dinheiro em si a esses homens já produz efeitos nessa relação afetivo-erótica quando se presentificam as relações de poder nesses casos marcados pelas desigualdades financeiras e geracionais. Tal

¹⁸ Em sua obra, o autor traz o conceito de cibercultura como uma nova forma de cultura atrelada ao uso de tecnologia e vida socia.

situação confere a esses homens um lugar de destaque e importância e, por outro lado, demarcam, nessas meninas, o poder da sua moeda de troca: o seu corpo infante-juvenil. A jovialidade do seu corpo somada à sua desigualdade social parece ser uma combinação significativa para despertar o desejo em alguns homens. (SERPA; FELIPE, p. 134, 2023),

Em uma cultura que promovemos a sexualização de meninas e adolescentes, atrelado à uma agenda positiva em torno de plataformas de venda de conteúdo adulto, naturalizando o seu uso por “novinhas”, questiona-se quais serão as consequências para essas jovens não só na formação enquanto mulheres, mas também em sua própria sexualidade. Sem dar a dimensão que, ainda que rentabilizem através das suas imagens erotizadas, não estão deixando de atender aos desejos masculinos, legitimando o poder já estabelecido a elas. (SERPA; FELIPE, 2023).

Considerando a pornografia como uma forma de violência contra mulheres e um meio para sua inferiorização através da objetificação sexual (ZANELLO, 2023), este trabalho julga preocupante a agenda positiva em torno da plataforma como um meio de enriquecimento através da venda de conteúdo sexual, reproduzindo mais de 82 milhões de vezes que é possível pode ter um “celular da maçã” e carro de luxo se vender conteúdo sexual no OnlyFans. Além disso, não temos garantias que a plataforma tenha um controle infalível na moderação de conteúdo ilegal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viu-se que o OnlyFans é repercutido como um serviço que gera fortunas com a venda de conteúdo adulto. Insinuado através da música como um meio de “vencer da vida”, joga-se luz apenas nas características “positivas” da plataforma, não trazendo para o debate pontos importantes, como o risco do uso do serviço por menores idade e a divulgação de conteúdo sexual com a presença de crianças e adolescentes, com algumas denúncias internacionais já realizadas.

Embora não tenha sido identificado nenhuma denúncia no cenário nacional na plataforma, este estudo trouxe dados que evidenciam que há um crescimento de denúncias nos últimos anos de violência sexual infantil no ambiente digital, correlacionando com

conceito de pedofilização, entendemos que socialmente promovemos a sexualização de jovens e adolescentes. s, cunhado pela autora Jane Felipe.

Foi possível também discorrer sobre a erotização de meninas adolescentes, evidenciando o uso do termo “novinha” socialmente aceito, entendendo que as músicas podem reforçar práticas sociais (PEREIRA; MAIO, 2018), tendo como consequência dessa naturalização a legitimação do desejo por corpos jovens por parte de homens adultos.

De acordo com o que aqui foi exposto, este estudo procura então despertar um novo olhar para a plataforma, que não a glamourização do enriquecimento pela venda de conteúdo adulto. Trazendo denúncias sobre as alhas na moderação de conteúdo sexual infantil em cenário internacional, alerta também para o acompanhamento da plataforma no contexto nacional. Sugere-se ainda para futuros trabalhos, análises que abordem o impacto do crescimento e popularização da plataforma através das questões de gênero, tendo como foco as múltiplas violências sofridas pelo gênero feminino em nosso país.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, T. Julia; CLAUDINHO, M. R. Rhullya. **A influência da pornografia nas subjetividades das mulheres: um estudo cartográfico sobre dispositivos de gênero e processos de subjetivação**. Monografia do Curso de Graduação de Psicologia, Faculdade Evangélica de Goiás. Anápolis, p.52, 2021.

BOND, Letycia. Imagens de abuso sexual infantil online crescem 70% no Brasil em 2023. **Agência Brasil**, São Paulo, 18 mai, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-05/imagens-de-abuso-sexual-infantil-online-crescem-70-no-Brasil-em-2023>. Acesso em: 24 jun, 2023.

LEMOS, André. **Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 1.ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

PAZ, Aline Amaral; SILVA, Sandra Rúbia da. A narrativa mítica em processos comunicacionais na exposição não consensual de mulheres na internet. **Galáxia (São Paulo)**, v. 48, 2023, pp.1-21.

PAZ, Aline Amaral; SILVA, Sandra Rúbia da. Isso não é pornografia de vingança: violência contra meninas e mulheres a partir da explanação de conteúdo íntimo na internet. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 561-579, 2021

SANCHES, L. da C.; ARAUJO, G. de; RAMOS, M.; ROZIN, L.; RAULI, P. M. F. Violência sexual infantil no Brasil: uma questão de saúde pública. **Revista Iberoamericana de Bioética**, [S. l.], n. 9, p. 1–13, 2019. DOI: 10.14422/rib.i09.y2019.003. Disponível em: <https://revistas.comillas.edu/index.php/bioetica-revista-iberoamericana/article/view/9654>. Acesso em: 05 ago. 2023.

SERPA, M. G.; FELIPE, J. PEDOFILIZAÇÃO, VIOLÊNCIA SEXUAL E O FASCÍNIO MASCULINO SOBRE OS CORPOS INFANTO-JUVENIS. **PESQUISA EM FOCO**, [S. l.], v. 28, n. 1, 2023. DOI: 10.18817/pef.v28i1.3302. Disponível em: https://www.ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA_EM_FOCO/article/view/3302. Acesso em: 13 ago. 2023.

SILVA, Thereza Nardelli e. **“Seremos nosso porta-retrato e já estamos portando essa tela”: miradas em nudes autopublicados no Tumblr Bucepowergang**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, F. G. O. DA.; OLIVEIRA, M. DE; MAIO, E. R. Emancipar ou naturalizar? **Pedofilização e educação sexual a partir da problematização das novinhas**. *Inter-Ação*, Goiânia, v. 42, n. 3, p. 674-691, 2018.

VALENTE, Mariana; NERIS, Natália. Para falar de violência de gênero na internet: uma proposta teórica e metodológica. In: NATANSOHN, Graciela; ROVETTO, Fiorencia (Org.). **Internet e feminismos: olhares sobre violências sexistas desde a América Latina**. Salvador: EdUFBA, 2019. p. 17-49.

ZANELLO, Valeska. Masculinidades, cumplicidade e misoginia na “casa dos homens”: um estudo sobre os grupos de WhatsApp masculinos no Brasil. In: FERREIRA, Larissa (Org.). **Gênero em perspectiva**. Curitiba: CRV, 2020. p. 79-102.